

## **COSTURANDO TEXTOS E CONTEXTOS - A VIDA E O CAMPO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO CEARÁ**

Fernanda de Lemos Rocha<sup>1</sup>  
Iara Danielle Ferreira Bandeira<sup>2</sup>  
Josenira Unias Ribeiro<sup>3</sup>  
Newton Malveira Freire<sup>4</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as teorias acerca da educação, a partir das narrativas de Bourdieu em seus livros *Escritos da Educação* (1998) e *Meditações Pascalianas* (2001), abordaremos *Microfísica do Poder* (1979) e *Vigiar e Punir* (1975) de Michel Foucault, além de discutirmos o pensamento de Anthony Giddens embasados em *Modernidade e Identidade* (2002). Para tanto, faremos uma relação entre tais teorias com a fala de estudantes cearenses registradas através de pesquisa realizada em quatro escolas em sua totalidade: duas Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) situadas em diferentes bairros na cidade de Fortaleza, uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP), localizada na região metropolitana e uma Escola de Ensino Médio na região do Cariri, todas no estado do Ceará. A pesquisa teve como instrumental principal, entrevista aberta com doze estudantes do Ensino Médio no primeiro semestre de 2018. Os autores e suas análises são direcionadas a aspectos da vida social, e em específico, abordam questões relacionadas às desigualdades e alguns destacam que tais desigualdades começam e são reproduzidas em território escolar, por isso mesmo são textos fortemente contemporâneos no mundo e especialmente em nosso país. Ainda sobre o trabalho de pesquisa que realizamos, podemos ressaltar que foi um momento rico de reflexão para os alunos e significativo para nós, quando pudemos acessar com mais objetividade e clareza, o pensamento de alunos quando eles falaram acerca de suas vidas em família, da sua percepção sobre a escola e o que pensam sobre seu futuro.

**Palavras-chave:** Escola, Ensino Médio, Juventude, Violência Simbólica.

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino de Sociologia – Universidade Federal do Ceará – UFC e Professora da Rede Pública Estadual de Ensino do Ceará – fernandalrocha@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestranda em Ensino de Sociologia – Universidade Federal do Ceará – UFC e Professora da Rede Pública Estadual de Ensino do Ceará – iaradanielle@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Ensino de Sociologia – Universidade Federal do Ceará – UFC e Professora da Rede Pública Estadual de Ensino do Ceará – joseniraunias@gmail.com

<sup>4</sup> Mestrando em Ensino de Sociologia – Universidade Federal do Ceará – UFC – newtonfreire@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Mergulhar no universo juvenil passa por vários momentos complexos e dilemas que vão permear várias fases deste período tão rico que vivencia descobertas, angústias, sonhos, dores dentro da escola. Daí, vamos compreender a partir de vários estudiosos um pouco de suas, características e sonhos.

Um dos motivos que nos moveu a essa empreitada foi perceber que o jovem contemporâneo é fruto de novas formas de socialização e repletos de especificidades construídas, em grande parte pela irresistível e intensa cultura tecnológica global, o que configura um sujeito “novo” que passa significativa parte do tempo de seu dia e de sua vida dentro da escola e mesmo que esta represente um recorte da sociedade, não tem acompanhado a contento a evolução por qual passaram as últimas gerações, especialmente pela cultura conservadora de boa parte dos atores sociais que dela participam, não atendendo, portanto às várias demandas dessas gerações.

Partimos, pois, da perspectiva do jovem estudante, da realidade em sua casa, sobre a relação com sua família e em sua escola, como ele vê e se sente no campo escolar, e em relação aos seus estudos, suas ambições futuras.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as teorias acerca da educação em Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Anthony Giddens e estabelecer relação entre elas, o pensamento de estudantes cearenses registrados através de pesquisa realizada em quatro escolas em sua totalidade: duas Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) situadas em diferentes bairros na cidade de Fortaleza, uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP), localizada na região metropolitana e uma Escola de Ensino Médio na região do Cariri, todas no estado do Ceará.

Ao desenvolvermos nossa pesquisa, objetivamos o jovem que faz parte do universo da educação pública em sua multiplicidade, tomando suas falas como direcionamento para nossas análises a partir dos diálogos com os autores supracitados, além de outros estudiosos do tema que apresentaremos a seguir.

A partir da análise de conceitos e de categorias desenvolvidas por Pierre Bourdieu sobre a sociedade e especialmente sobre o mundo escolar, pudemos ampliar a nossa percepção acerca da realidade e objetivamente agregar conhecimento sobre o funcionamento do sistema de ensino no qual estamos inseridos enquanto professores.

Bourdieu aborda a França dos anos 60, quando houve a democratização do ensino, expondo imensa desigualdade entre os alunos, mesmo que sob a roupagem da

universalização. O autor salientava sobre práticas que ele denominava de “exclusões brandas, insensíveis”, mas que estavam presentes cotidianamente nas escolas, como seleção entre os melhores alunos e os piores, os exames e testes a que todos eram submetidos, em detrimento de suas diferenças pessoais, sociais e psíquicas.

Em *Escritos da Educação* (1998), encontramos textos que refletem a clara, ou melhor, a turva e dura realidade de boa parte daqueles que se encontram na escola hoje, sobre esse livro, destacamos os textos “Excluídos do Interior”, ao mesmo tempo em que revelaremos a voz dos excluídos contemporâneos, ou seja, nossos alunos.

O conceito de Violência Simbólica foi desenvolvido por Pierre Bourdieu (1989), quando ele tratou de um tipo de violência sutil, geralmente um mecanismo utilizado pelas classes dominantes de impor crenças, comportamentos e tradições e os dominados, não percebendo que sofrem tal violência, acabam por reproduzi-las de maneira inconsciente. E mesmo seus estudos tendo sido realizados em outro momento histórico e em um país com significativas diferenças culturais, ainda sim, é notável identificar grandes semelhanças entre a França do século XX e o Brasil dos anos dois mil.

Na escola, percebemos inúmeras manifestações de violência simbólica, a partir da estrutura básica do modelo de escola tradicional, que reproduz estruturas sociais vigentes e onde tenta-se uniformizar os indivíduos que são múltiplos, ela nasce da palavra barrada, da autoridade arbitrária e legitimada do professor. Entretanto, uma das formas mais impactantes de violência é o fato dos jovens não serem percebidos dentro dessa pluralidade e terem que se submeter a critérios genéricos que acabam por destruir seu potencial, que bloqueiam sua fala, como afirma José Vicente Tavares dos Santos: “a violência nasce da lógica da exclusão” (TAVARES DOS SANTOS, 2001).

Sabedores que as desigualdades sociais são reproduzidas na escola e mesmo conscientes da heterogeneidade dos alunos, entretanto os professores ministram suas aulas, aplicam testes, corrigem as provas, não levando essas especificidades em consideração. A violência surge da relação de poder desigual, na qual o aluno está em desvantagem, citou Tavares dos Santos (2001).

Diante das questões previamente apresentadas, o trabalho proposto está organizado da seguinte forma: mostraremos o percurso e a escolha das técnicas metodológicas que escolhemos para obtenção dos dados necessários para embasar e fundamentar de forma teórica e prática nossa pesquisa de campo. Logo em seguida apresentaremos os dados analisados a partir das entrevistas relacionando-os com as teorias dos autores que apoiam esse

estudo. Por último, apontaremos as considerações, opiniões e discorreremos sobre a importância da pesquisa para o campo educacional e sociológico.

## **Metodologia**

A pesquisa realizada foi decorrência de uma atividade acadêmica proposta em uma das disciplinas obrigatórias do curso mestrado profissional em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) no primeiro semestre letivo do ano de 2018.

A pesquisa foi genuinamente qualitativa pois segundo Marconi e Lakatos (2005) ela pressupõe uma análise e interpretação de aspectos mais profundos da complexidade do comportamento humano, fornecendo ainda uma análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos. Minayo (2002) reforça que a pesquisa qualitativa apresenta alguns aspectos que lhe são característicos, tais como: questões particulares, um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações.

Como técnica de coleta de dados e informações utilizamos entrevistas abertas por acreditarmos que ela atende principalmente finalidades específicas do nosso objeto investigado. Esse tipo de entrevista fornece evidências, revela detalhamento de questões e consiste numa forma de poder explorar mais amplamente alguns conceitos relacionados.

O locus da nossa investigação de campo foram quatro escolas públicas de ensino médio da rede estadual cearense, situadas em bairros, cidades e territórios diferentes.

Como interlocutores e respondentes das entrevistas selecionamos aleatoriamente estudantes das séries do ensino médio, independentes de gênero, faixa etária ou desempenho escolar. Nossa amostra foi constituída por um total de 12 colaboradores, que responderam questões como:

Sob reflexo da atual cultura de transparência no contexto de uma sociedade disciplinar, optamos pela substituição aos nomes reais dos entrevistados, identificados pela letra A seguida de numeral. Isso garante anonimato ao entrevistado, devendo o mesmo ser identificado por código, possibilitando ao assegurando uma relação mais descontraída e espontânea e, conseqüentemente, assegurando que o mesmo tenha sua identidade protegida, principalmente, por se tratar de respondentes menores de idade, preservando o anonimato e a confidencialidade dos dados fornecidos durante todo percurso metodológico.

## Resultados e Discussão

Os alunos que respondem às demandas satisfatoriamente são os mais queridos, os exemplares, já os que não conseguem atingir as metas estabelecidas tornam-se marginalizados em diversos momentos das atividades escolares. Como Bourdieu (1983) apontava, a escola define trajetórias que os alunos incorporam, alguns ainda com foco, mas a imensa maioria parece não mais ambicionar muito com receio da decepção e consciência de sua exclusão.

Sobre a heterogeneidade dos estudantes, lembramos do que dois alunos relataram sobre suas perspectivas de futuro, quando perguntados sobre o que fariam depois da escola, a aluno o qual denominaremos A1 respondeu natural e prontamente: faculdade de enfermagem. Já a aluna A2, fez brincadeira inicialmente dizendo que iria trabalhar na VASP (Vagabunda Anônima Sustentada pelos Pais), mas logo em seguida falou baixinho que queria ser advogada, mas não sabia se ia conseguir passar no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM porque até ano passado, não conseguia tirar notas boas.

No que diz respeito às dificuldades de permanência na escola, o aluno A4 do 3º ano, relata que não há oportunidades iguais para os estudantes, pois reconhece que muitos possuem melhor acesso ao conhecimento e condições de vida que facilitam o aluno permanecer estudando ao longo da educação básica. “Na minha condição não fui trabalhar durante os dois anos iniciais do ensino médio. No terceiro tive que assumir algumas atividades, mas foi muito difícil chegar até aqui, pois era complicado estudar e trabalhar.

Bourdieu defende que a escola define trajetórias que os alunos incorporam, alguns ainda com foco seguindo as diretrizes clássicas da educação, mas significativa maioria parece não mais ambicionar muito um futuro de sucesso, de acordo com promessas antigas escolares, muitos demonstram receio da decepção e consciência de sua exclusão.

A aluna A3, aluna da terceira série, mora com os pais e uma irmã, o pai trabalha na construção civil, mas está desempregado e a mãe é dona de casa, e que a irmã mais velha começou a trabalhar há pouco tempo em uma empresa. E ressaltou que recebe apoio total em relação aos estudos, que mesmo com pouco dinheiro e não possuindo tempo e espaço apropriados para os estudos em casa, relatava que sempre se esforçou bastante e que tira sempre boas notas na escola. E ao finalizar o Ensino Médio, pretende estudar e trabalhar para ajudar seus pais.

Chamou-nos a atenção, a sua resposta à pergunta em relação às oportunidades dos estudantes brasileiros para atingir seus objetivos, A3 endossou o discurso meritocrático, afirmando que há muitas oportunidades, que agora mais do que nunca, são oferecidas muitas

oportunidades, mas muitos alunos não querem nada, que desperdiçam e não encaram os estudos com seriedade. E que isso acontece também fora da escola, com os trabalhadores. emprego e que todos tem esperança de ele ser contratado em breve.

Ouvindo A3, estabelecemos relação com o texto sobre a violência simbólica onde Bourdieu trabalha conceitos de *habitus*, de capital simbólico e de *illusio*. Na escola, transitam sujeitos e ali são estabelecidos *habitus*, capitais, libido social e violência simbólica. Quanto ao *habitus*, compreendemos ser sistemas de percepções, ações dos indivíduos, e no campo escolar, os indivíduos adquirem e exercem *habitus*, além de desenvolverem interesses e motivações, o que seria o *illusio*.

A3 é o tipo de aluna que a escola produz e deseja, porque adquiriu e incorporou o *habitus*, é uma exceção, mas não consegue enxergar as diferenças e a violência simbólica a que é submetida porque acabou desenvolvendo tipos de capital social e simbólico que agradam a maioria dos atores sociais do campo escolar, portanto não sente ou compreende o impacto da violência. Ela é a queridinha dos professores, a estudante que atende aos princípios e as orientações da escola, tem o conhecimento e o reconhecimento no campo, mas não percebe o quanto o sistema é perverso e desigual, ao contrário, ela critica aqueles que também de forma inconsciente o rejeitam. Pois os alunos que dormem, que fogem das aulas, que usam os fones de ouvido demonstram que não incorporaram o *habitus*, e consequentemente não parecem possuir capital que valha, nem sequer desenvolvem a *illusio*, pois não demonstram interesse, e se negam até a ter sonhos.

Quando A3 diz que as oportunidades aparecem para todos, para os ricos e os pobres, para os negros e os brancos e são os indivíduos que não as aproveitam, ela mostra o quanto aceitou as regras de dominação e demonstra, como muitos em nossa sociedade, a incapacidade crítica de reconhecer a arbitrariedade do sistema, ela representa a adesão dos dominados, como Bourdieu afirmou.

Na escola, o aluno que se comporta mal, que não atende às expectativas sofre sanções até que atinja a meta da expulsão, ou seja, é passada a outra escola a possibilidade de “controle” ou mudança daquele indivíduo, simplesmente desistimos dele.

O depoimento do aluno A5 ao se perguntado sobre o que ele não gosta na escola uma das coisas é justamente a infraestrutura. Aponta o seguinte relato: “As salas de aulas são um espaço muito fechado, pois são modelos antigos e me sinto muito preso. Também queria ver mais espaços de convivência, pois passo muito tempo aqui”. Ele permaneceu durante mais de dois meses na ocupação da escola e vivenciou várias atividades e momentos dentro da escola naquela ocasião que também estava na greve dos professores da rede estadual.

Importante ressaltar que mesmo eles tendo nas mãos a oportunidade de criarem suas próprias dinâmicas, também estipularam várias normas de convivência e horários para as atividades acontecerem. A questão da disciplina é tão forte que permanece em qualquer situação vivenciada por eles na escola. Como escreve Foucault o corpo sofre um disciplinamento tão forte que não se desvincula nas relações sociais que as pessoas estabelecem no seu dia a dia. “A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados corpos dóceis”.

Dentro desse contexto, há o desenvolvimento de um processo que ocorre na instituição escolar, denominado pelo sociólogo Irapuan Peixoto Lima Filho (2014) de “invisibilidade do jovem”, quando ele não é reconhecido pelo conhecimento que adquiriu a partir da socialização em outras instituições, como sua família, sua vizinhança ou igreja, dentre outros, e principalmente, não participa da construção de ações voltadas para sua formação no campo escolar. (LIMA FILHO, 2014). A escola ainda não reconhece realmente que o jovem traz experiências sociais, necessidades e saberes, consideramos um conceito mais amplo de juventude sendo percebida como uma construção histórica, social, cultural e relacional (LEON, 2005 apud DAYRELL, 2013).

Neste momento, realizamos uma analogia entre a teoria e a prática relativa aos conceitos supracitados. Ao abordar o universo da escola pública, se encontram múltiplas expressões de juventude de acordo com Bourdieu (1983), posto existirem alunos de diferentes classes sociais, embora seja marcadamente presente o jovem oriundo das classes populares, filhos da classe trabalhadora, muitos em situação de intensa fragilidade social, o que alerta aos agentes da comunidade escolar, em especial aos professores, a imprescindibilidade da busca contínua por uma reflexão sobre sua prática pedagógica, um olhar atento em relação às diversas manifestações de juventude e a resignificação de seu próprio papel social.

Importante ressaltar que, para uma melhor reflexão, se faz necessário extrapolar os limites conceituais simplistas estabelecidos por faixas etárias, especialmente no campo escolar, campo de excelência da sociabilidade e onde predomina a necessidade de reconhecer e considerar o jovem como sujeito social e não apenas como agente institucionalizado da coisa pública.

Michel Foucault no seu livro *Microfísica do Poder* (1979), explicita que não há sociedade sem formas de poder nela estabelecidas, ou não existem relações fora do poder ou sem poder. Portanto, para ele, é importante que se analise mais esse fenômeno que é o poder, que se identifique quais seus alvos, quais seus objetos, os campos onde ocorre, e os efeitos que ele produz. Em *Vigiar e Punir* (1975), estuda específica e profundamente alguns espaços

de sociabilidade onde se manifesta o poder, como a prisão, estabelecendo analogias entre a prisão e a escola, a prisão e a fábrica.

Para Foucault, o sistema educacional funciona como uma máquina de poder e de produção ideológica, onde há instrumentos reais e legais de formação e de acumulação do saber. Como crítico do sistema de educação, ele fala que nas escolas há adestramento de corpo e de mentes. O autor apresenta instrumentos de análise para se entender como a escola se parece com uma prisão, porque, para ele, ela é antes de tudo ou acima de tudo um campo de repressão, onde há, contraditoriamente, dificuldade em se entender o poder ali presente.

Percebemos claramente a escola como um campo de repressão, onde o corpo é um dos instrumentos que certamente o poder se impõe, a começar pelo fardamento imposto aos alunos, sobre esse tema, voltando às entrevistas, mesmo sem haver pergunta específica a esse assunto, quando interpelamos sobre o que menos gostam na escola, dois dos respondentes, se referiram à comida oferecida e ao fardamento, com exceção de A3, que gosta da farda e das refeições da escola.

Mas, é na atual transição das escolas regulares para tempo integral que percebemos o quanto a teoria de Foucault é coerente e reveladora. Pois, ao conversar com os alunos, percebemos o cansaço frequente que apresentam, especialmente depois do almoço, quando parecem que perderam a energia, e muitos até dormem em meio às aulas. Lembrando a docilização do corpo abordada pelo autor.

Na medida em que os alunos passam o dia na escola, eles acabam por ter que obrigatoriamente incorporar determinadas regras e disciplina imposta pela gestão, pelos professores e funcionários da escola. Em *Vigiar e Punir*, Foucault irá apresentar diversos mecanismos de docilização dos corpos. Que começa pela disposição espacial da escola, de sua estrutura física, da sala e demais campos da instituição, e que passa por termo como as “classes”, que são de fato, classificadoras e homogeneizadoras, a sucessão de alinhamentos, filas e corredores, e o controle das atividades orientado pelo horário a ser seguido.

Através das entrevistas, A1 e A2 são os que mais se incomodam com as imposições e regras disciplinares, Sobre o que mais gostam na escola, A1 falou das pessoas: amigos e alguns professores, A2 falou que quase nada, já A3 criticou a estrutura das salas, principalmente, pela ausência de um ar condicionado prometido pela Secretaria de Educação, mas que gostava de quase tudo.

Identificamos outros indícios de repressão ao corpo na escola, alguns se revelam em proibições com relação a bonés, determinados calçados ou vestimentas ousadas para aquele lugar. É difícil que o jovem aceite todas essas imposições placidamente e notamos, pois,



diversas manifestações para driblar tais regras. Mas, como um presídio, há determinadas punições para determinadas infrações.

E finalizamos Foucault, lembrando o olhar panóptico que o diretor tem de uma das escolas analisadas, a partir de sua sala de direção, que fica no primeiro andar acima e no meio de todas as classes, e ao lado também de outras salas que compõem essa estrutura escolar, que confirma, inclusive, fisicamente, a comparação das escolas com as prisões.

Sendo assim, a contribuição de Foucault é fundamental para nossa compreensão acerca de questões presentes na escola, uma instituição que, apesar de ter adentrado o século XXI se apresenta como se vivêssemos parados no tempo.

Nossas entrevistas também foram guiadas com o embasamento teórico de Anthony Giddens e seu *Modernidade e Identidade* (2002). Sobre o pensamento de Giddens, abordamos principalmente a perspectiva temporal que ele faz e especialmente enaltecer a importância de, a partir de suas leituras, compreender que vivemos novos tempos, com novos e complexos indivíduos, que para trabalhar no sistema escolar é importante que tenhamos esse entendimento, do contrário, nosso trabalho será em vão, como em muito, tem sido, dentro de uma ideia romântica que no passado, tudo era melhor.

Giddens analisou as consequências das novas dinâmicas e das novas instituições na modernidade que ele intitulou de tardia. Ele afirmou que houve intensa aceleração, forte dinamismo, amplitude e profundidade de práticas sociais e de modos de comportamentos e que isso alterou os mecanismos de auto-identidade das pessoas.

Os jovens que estão em idade escolar especialmente sentem intensamente esses processos, pois ainda em formação, são cotidianamente bombardeados de informações múltiplas, principalmente da mídia, e também são avassaladoramente impactados por dúvidas radicais, sofrendo a influência de diversas manifestações de autoridade.

Giddens afirma que tudo isso acontece pelo desenvolvimento da capacidade reflexiva do “eu”, onde os indivíduos sabem o que fazem e porque fazem. Gerando assim, ansiedade, incertezas e angústias para os mesmos e nesse momento, é impossível não lembrar das falas de alguns respondentes, quando por exemplo, quando interrogados se já pensaram em desistir e abandonar os estudos, A1 nos disse que “se sente deprimido às vezes e já pensou em desistir da vida, mas não da escola, mas no fundo, tem esperança que as coisas melhorem no futuro”, A2 disse que muitas e muitas vezes pensou em desistir dos estudos e o que faz que ela continue é a pressão materna. Já A3 afirmou que nunca pensou em abandonar a escola.

Notamos a força da repressão e da culpa de alguns alunos, pelas escolhas que tem feito e pelas oportunidades que aparecem, que são geradoras de ansiedade e de frustração, sem

dúvida, os jovens contemporâneos precisam de um novo olhar, de novas perspectivas e a escola necessita estar direta e profundamente inserida nesse processo.

Neste processo de ordenamento disciplinar vai se instaurando a vigilância onde vários sujeitos também serão responsáveis por manter este controle e rigor sempre em funcionamento perfeito, como se todos fossem máquina e não pudessem se manifestar e se opor às normas, pois neste caso sofreriam as sanções da escola ou da sociedade, de acordo com o ambiente em que estivessem inseridos. O controle também se estabelece pelo mestre que é responsável pela instrução e consegue uma forma de domesticação pela transferência de conhecimento.

Então chama nossa atenção para os perigos em que a escola pode colocar os indivíduos, pois ao mesmo tempo em que ela é a salvação para as pessoas, também prejudica algumas relações. Os três alunos entrevistados são unânimes na pergunta sobre o que é a escola para você? Todos colocam a escola como o único espaço que eles possuem para “ser alguém na vida”. Utilizando a fala da aluna A6 “(...) A escola é um lugar onde busco as oportunidades para minha vida, meus pais se formaram e também quero ser alguém, pra isso me dedico nas disciplinas e participo das várias atividades e cursos que posso...” (A6, 15 anos, aluna do segundo ano).

Aqui buscamos algumas ideias de Anthony Giddens no seu livro *Modernidade e Identidade* (2002) que teve como objetivo apresentar mecanismos de auto-identidade que são construídos pelas instituições da modernidade e que também as constitui. Pois, para ele a modernidade se entrelaçou diretamente com a vida os indivíduos e influencia em muitos aspectos, já que existe um conflito entre o que a modernidade deseja e o que o indivíduo precisa (suas decisões pessoais).

### **Considerações Finais**

A partir dos textos e das entrevistas, tivemos a oportunidade de costurar teorias e práticas que estão a todo o momento se esbarrando e se confrontando em campo escolar na vida cotidiana, mas que a escola parece não querer descortinar, não se interessa ou simplesmente sequer sinaliza compreender.

O desafio inicial para nós nesta reflexão foi conseguir sair de “dentro” da escola e perceber diversas consequências sociais em que o ambiente escolar está inserido e analisar os aspectos que envolvem, professores e alunos.

Atualmente vivemos tempos cada vez mais complexos, que já se anunciavam anos atrás, mas que a cada dia, se tornam mais turvos e instáveis e todos que participam da vida escolar sentem de forma diferente esses tempos. Ele impacta o gestor, o professor, o aluno intensamente, cabe a nós estarmos atentos e reflexivos, levando em conta tais transformações sociohistóricas e culturais.

Perceber na fala dos alunos muitos momentos por nós debatidos nas aulas era apaixonante, porém ao mesmo tempo assustador, pois identificamos os gestores, funcionários, professores e os próprios alunos reproduzindo as mesmas coisas apontadas por todos citados neste texto. De fato, vamos sendo envoltos numa teia de relações que se não pararmos para ler, refletir, duvidar vamos reproduzindo tudo facilmente.

Especialmente quanto à formação do indivíduo enquanto cidadão ativo da sociedade, perceber seus anseios, compreender suas angústias, propiciar e mediar acesso e produção de conhecimento, e não apenas torná-los aptos ao mundo do trabalho.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra. In: Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Escritos da Educação.** 4<sup>a</sup>ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Meditações Pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo.** Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARRANO, Paulo César R. **Juventudes: as identidades são múltiplas.** Revista Movimento, n. 1, mai. 2000.

DAYRELL, J; JESUS, R.E. **A Exclusão de Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas.** Relatório de Pesquisa, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Organização e introdução de Roberto Machado. RJ: Graal, 1982.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 35.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina A. **Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008

LIMA FILHO, I. P. **Culturas Juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos.** Revista de Ciências Sociais (UFC), v. 45, p. 103-118, 2014.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.